

AS 10 EMPRESAS MAIS INOVADORAS DO BRASIL

N

ão depende do setor, do porte e da idade da empresa (e da idade de quem está por trás dela). Não depende (tanto) da tecnologia nem de “rios de dinheiro”. Inovação é quase um estado de espírito. Germina na inquietação, alimenta-se do inconformismo e agiganta-se na necessidade. Desconforto, dor e ruptura transmutam-se em sobrevivência, alívio e progresso.

Esta lista homenageia 10 empresas que se destacaram em tempos recentes na busca de soluções para problemas conhecidos e para aqueles que nem sabíamos que tínhamos. Vão de jovens startups a gigantes centenárias, pinçadas entre tantas outras que igualmente buscam novos caminhos.

Nesta curadoria, a equipe da Forbes contou com a colaboração de entidades e especialistas focados em inovação, a quem agradecemos: Anderson Criativo, CEO do Onovolab; Carolina da Costa, diretora executiva de inovação, pesquisa e ensino do Hospital Alemão Oswaldo Cruz; Cubo Itaú; Diego Bonaldo Coelho, coordenador adjunto da FIA; Endeavor; Finep/Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações; Inovabra; Moacir de Miranda Oliveira Júnior, professor titular da FEA-USP; Parque Tecnológico São José dos Campos; e Porto Digital.

POR CLÁUDIO GRADILONE, DÉCIO GALINA,
MARIANA WEBER E VERA ONDEI
COLABOROU ADRIANA CARDILLO GAZ

EDIÇÃO JOSÉ VICENTE BERNARDO
ILUSTRAÇÕES CIRO GIRARD

CARBONEXT PRESERVA A AMAZÔNIA E
COMERCIALIZA CRÉDITOS DE CARBONO:
CRESCIMENTO VERTIGINOSO NO NÚMERO DE
PROJETOS MARCA OS ÚLTIMOS ANOS

Houve uma época em que falávamos “olha, no futuro, as mudanças climáticas vão afetar o planeta inteiro”. O futuro, neste caso, já chegou; as temperaturas estão cada vez mais altas e temos uma urgência maior ainda de implementar projetos que minimizem os danos para a humanidade. É aí que entra o trabalho da Carbonext, que já preserva cerca de dois milhões de hectares de Floresta Amazônica em risco de desmatamento (a área monitorada ultrapassa os 5 milhões de hectares). Tal preservação se transforma em créditos de carbono, comercializados para pessoas físicas e jurídicas. A empresa é responsável pelo gerenciamento do ciclo de produção e comercialização dos créditos (os projetos são verificados pelo Verra, maior certificadora de projetos de carbono no mundo).

Desde 2010 no mercado, a Carbonext deu um salto de crescimento no início da pandemia: da fundação à pandemia, a empresa tocava três projetos – agora, são 23. “A quarentena uniu a família e inovamos na condução dos projetos, criando uma espécie de linha de produção de fábrica, com mais gente envolvida e bastante tecnologia envolvida”, disse a fundadora e coCEO Janaina Dallan, engenheira florestal que trabalha com crédito de carbono desde 2001 e compõe o time brasileiro de especialistas da ONU para mudanças climáticas. “Projetos que necessitavam de dois a três anos para andar começaram a ser concluídos em uma média de 10 meses”, completa o coCEO Luciano Corrêa da Fonseca, irmão caçula de Janaina, economista e mestre em ciências políticas, na

O VALOR DA FLORESTA EM PÉ

empresa desde 2020, com histórico longo no mercado financeiro, experiência de 15 anos em private equity.

Entre os projetos, o Evergreen foca na proteção de florestas em uma das regiões com maior índice de desmatamento do norte do Brasil: Apuí (AM). Trata-se de uma área de mais de 157 mil hectares, que começou a ter fauna e flora monitoradas em 2020, além da medição do estoque de carbono. Como em todos os projetos, considerando as cerca de 30 milhões de pessoas que vivem na Amazônia, a Carbonext tem entre seus pilares o desenvolvimento de atividades para a produção de renda nas comunidades. O projeto mais antigo é o Ituxi, de 2013, com área preservada de 46.592 hectares, em Lábrea (AM), outro município que fica no “Arco do desmatamento” – um corredor que vai do Acre ao sul do Pará, cruzando Rondônia, Mato Grosso e Amazonas.

Só nos cinco primeiros meses deste ano, os projetos da Carbonext geraram algo em torno de R\$ 150 milhões em créditos no mercado voluntário de carbono. Em julho, houve o aporte de R\$ 200 milhões em seu capital graças à parceria com a Shell Brasil, que virou sócia minoritária da companhia. Foi a segunda rodada de captação – na primeira, entraram R\$ 25 milhões.

A companhia também pode funcionar como a porta de entrada para quem quer salvar o mundo e não sabe como dar o primeiro passo. No site da Carbonext, é possível calcular a sua pegada de carbono a partir do gasto energético domiciliar, hábitos de deslocamento e de viagem, e escolher entre três pacotes: carbono neutro (neutraliza 100% das suas emissões mensais), carbono consciente (neutraliza 50%) e carbono negativo (neutraliza 200%).

Os irmãos Janaina e Luciano ficam em silêncio por um instante quando questionados de onde vem o apreço pela natureza. Até que Luciano responde com a anuência de Janaina. “Estudamos na Escola Comunitária de Campinas (SP), que era afastada e muito arborizada – cada classe tinha um jardim.” “Sempre sonhei em trabalhar com o meio ambiente e ter a minha empresa”, acrescenta a irmã. **(DG)**

composto por José Augusto Stuchi (CEO), Flavio Paschoal Vieira (COO) e Diego Lencione (CTO). O nome Phelcom é a costura de três abreviações que traduzem a especialidade de cada um: “ph” para physics (Diego); “el” para eletrônica (Flavio) e “com” para computing (José Augusto). O protótipo do Eyer é de 2015 – chegou ao mercado em 2019.

Desde então, a empresa cresce a todo vapor – virou um case requisitado dentro e fora do país: em outubro, os sócios estavam no oitavo simpósio nos Estados Unidos; no Brasil, estiveram em mais de 20 eventos este ano – além de terem desenvolvido mais de 100 ações sociais. “2022 foi o ano da internacionalização. Era um sonho desde 2020, ter o melhor produto do mundo neste setor, batendo o Japão e a Alemanha”, celebra o CEO José Augusto Stuchi, que contabilizou até setembro o

VISÃO ALÉM DO ALCANCE

novação e tecnologia em nome da democratização da saúde visual. Em poucas palavras, esse é o resumo da essência da Phelcom (sediada em São Carlos, no interior de São Paulo, com escritório em Boston, nos EUA), empresa que desenvolve dispositivos portáteis com inteligência artificial embarcada para diagnósticos imediatos.

Com o intuito de reverter o quadro de que 75% dos 250 milhões de casos de cegueira ou deficiência visual grave acontecem por falta de prevenção ou tratamento equivocado, a empresa entrou no mercado com o Eyer. Trata-se de um retinógrafo portátil que está sendo um divisor de águas na vida de milhares de pessoas graças ao exame de retina realizado de maneira simples e rápida. São mais de 50 doenças que podem ser detectadas, como retinopatia diabética, glaucoma, catarata, retinopatia hipertensiva e toxoplasmose ocular. Os dados do exame sobem para uma nuvem e podem ser acessados por médicos em qualquer lugar do mundo.

A Phelcom nasceu do encontro de três amigos da Universidade de São Paulo (em 2010, ganharam Olimpíadas de Inovação da USP) que resolveram somar suas habilidades inicialmente para atender ao irmão de um dos sócios (Diego), que nasceu com um problema de retina. O trio é

número de vendas de todo ano passado e exportações para Estados Unidos, Japão, Chile e Colômbia. Já são 1,2 milhão de pacientes examinados.

O fato de terem um produto de ponta não diminui o apetite pela inovação – pelo contrário. “A inovação está no berço da empresa”, sintetiza José Augusto. “Normalmente, as equipes de vendas são mais numerosas, mas, na Phelcom, 30% dos funcionários trabalham em pesquisa e desenvolvimento.” Entre os parceiros, destaque para a Samsung, Fapesp, Hospital Albert Einstein, Unifesp e a incubadora de startups Eretz.bio.

O CEO adianta que, entre os objetivos para 2023, estão o lançamento de novas tecnologias e escalar o mercado dos Estados Unidos. “O mercado norte-americano é muito exigente não só em qualidade, mas também na objetividade. Os produtos de sucesso apresentam uma simplificação extrema.”

Em julho, no maior congresso de retina em Nova York, a Phelcom apresentou a ação em que a enfermeira utiliza o Eyer na população de Poço Redondo, pequena cidade no sertão sergipano, com 35 mil habitantes, e os dados são analisados pelos médicos em Aracaju, capital do estado. As distâncias podem ser ainda maiores, como em outro projeto, em que o Eyer é utilizado no Quênia e os médicos estão nos Estados Unidos. “Desde que comecei a me interessar por informática e programação, com uns 12 anos, eu já tinha o sonho de atuar em saúde. Encontrar soluções nessa área é muito gratificante.” **(DG)**